

---

## PROMOÇÃO DA SAÚDE CAMPONESA NO PERÍMETRO IRRIGADO DAS VÁRZEAS DE SOUSA - PB: AS ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO SÃO O VERDADEIRO DESENVOLVIMENTO NA PARAÍBA

REGALA, Raisia Maria de Sousa<sup>1</sup>  
GUIMARÃES, Raul Borges<sup>2</sup>

---

Recebido (Received): 12/01/2022 Aceito (Accepted): 23/01/2022

Como citar este artigo: REGALA, R.M.; GUIMARÃES, R.B. Promoção da saúde camponesa no perímetro irrigado das várzeas de Sousa-PB: as alternativas de produção são o verdadeiro desenvolvimento na Paraíba. v.1, Edição Especial, p. 46-59, 2022 (Dossiê: Perspectivas Caleidoscópicas da Geografia da Saúde).

**RESUMO:** O objetivo do artigo é realizar uma reflexão acerca do processo de resistência camponesa, levando-se em consideração as formas alternativas de produção e da reforma agrária popular como um processo de promoção da saúde. Essa resistência se dá frente à produção no campo brasileiro, sobretudo, aquela iniciada nos anos de 1960, contexto em que houve inserção do uso de agrotóxicos e de sementes transgênicas – que tinha a justificativa de controlar pragas e o aumentar a produtividade. Como já é largamente debatido na literatura, de fato é que essa forma só aumentou as desigualdades, tanto no que se refere à produção, quanto em relação ao uso da terra - a partir da expropriação. A discussão tem como referência o Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa, localizado no estado da Paraíba, mais especificamente os movimentos sociais que ali resistem, por uma reforma agrária popular e por soberania alimentar, através de formas alternativas de produção, assim proporcionando a promoção da saúde. Como metodologia, recorremos à análise de entrevistas para compreensão dos fatos apresentados acima. Previamente, inferimos que a reforma agrária popular e as formas alternativas estão promovendo saúde; além de proporcionarem desenvolvimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** agroecologia, soberania alimentar, promoção da saúde.

## PROMOTION OF PEASANT HEALTH IN THE IRRIGATED PERIMETER OF THE VÁRZEAS DE SOUSA - PB: THE PRODUCTION ALTERNATIVES ARE THE TRUE DEVELOPMENT IN PARAÍBA

**ABSTRACT:** The objective of the article is to reflect on the process of peasant resistance, taking into account alternative forms of production and popular agrarian reform as a process of health promotion. This resistance occurs in the face of production in the Brazilian countryside, especially that which began in the 1960s, a context in which the use of pesticides and transgenic seeds was introduced – which had the justification of controlling pests and increasing productivity. As is widely discussed in the literature, in fact, this form only increased inequalities, both in terms of production and in relation to land use - from expropriation. The discussion has as reference the Irrigated Perimeter of Várzeas de Sousa, located in the state of Paraíba, more specifically the social movements that resist there, for a popular agrarian reform and for food sovereignty, through alternative forms of production, thus providing the promotion of health. As a methodology, we used the analysis of interviews to understand the facts presented above. Previously, we inferred that popular agrarian reform and alternative forms are promoting health; as well as providing development.

**KEYWORDS:** agroecology, food sovereignty, health promotion.

---

<sup>1</sup> Graduada em Geografia pela UFPB e Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: [raisa.regala@unesp.br](mailto:raisa.regala@unesp.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0743-2717>

<sup>2</sup> Graduado em Geografia pela PUC-SP, doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente pela Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. É professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: [raul.guimaraes@unesp.br](mailto:raul.guimaraes@unesp.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9925-5374>

---

## Introdução

Este trabalho é fruto de um aprofundamento da pesquisa de mestrado apresentada no ano de 2019, na Universidade Federal da Paraíba, a respeito do impacto provocado pelo uso de agrotóxico por uma grande empresa e as formas de resistência de assentados de movimentos sociais na Paraíba. Com os estudos iniciados no doutorado, passa-se a compreender que a resistência camponesa é uma forma de promoção da saúde, com isso decidiu-se por se debruçar e investigar em temas que a pesquisa de mestrado não focou. Especialmente, interessa no presente trabalho discutir as formas de resistência camponesa - através das formas de produção alternativas (com a agroecologia, a luta pela soberania alimentar) e a reforma agrária popular enquanto promoção da saúde.

Para isso é preciso compreender o processo de entrada do capital no campo com o uso de agrotóxicos e das sementes transgênicas. É sabido que esse processo ocorre no Brasil a partir dos anos de 1960. Neste momento, além dos usos de insumos, também quando se inicia a mecanização agrícola no país, sendo esse processo também conhecido como modernização da agricultura (GRAZIANO DA SILVA, 1982). Cabe compreender que tudo isso é mais significativo em alguns espaços, já em outros vem de forma mais lenta (REGALA, 2019). Esse processo tem agravos na questões sociais, econômicas e políticas, e representou a expropriação da terra de pequenos agricultores, bem como como a diminuição das áreas que antes eram de plantação alimentícia e o crescimento significativo do uso de fertilizantes e de insumos agrícolas (MOREIRA, 1988).

Na Paraíba, o pacote tecnológico da modernização da agricultura foi marcado, principalmente, pela política do Programa Nacional do Alcool - Proalcool, junto com a expropriação dos meeiros, dos posseiros, dos arrendatários para que houvesse mais terra para o cultivo da cana de açúcar na Zona da Mata. Já adentrando o território paraibano, temos os cultivos do algodão, do sisal e a pecuária. Todos esses processos foram primordiais para início da luta pela terra no estado (MOREIRA e TARGINO, 1997).

Os pequenos produtores que conseguiram se manter na terra passaram a conviver com um dilema: adotar a lógica do agrotóxico, comprando diferentes pesticidas no mercado para participar da concorrência da produção, ou resistir com uma produção sem o uso dessas tecnologias (MOREIRA, 1988).

É a partir do processo de tomada de consciência, tanto da não lucratividade quanto dos males à saúde do trabalhador e do ambiente que os agrotóxicos e as sementes transgênicas podem trazer, que as trabalhadoras e os trabalhadores lutam e resistem. É daí que surge a

mudança para as práticas agrícolas orgânica ou agroecológica; expressa no modo de afastar espantar as pragas e as ervas daninhas; na estocagem e trocas de sementes; na diversidade cada vez maior dos cultivos.

Como se trata de uma forma de busca por saúde e qualidade de vida, esse processo será compreendido como uma forma de promover a saúde pelas comunidades camponesas da Paraíba.

Assim compreende-se a promoção da saúde pelos camponeses como um conjunto de ações e princípios que valorizam a vida comunitária, os saberes populares, bem como as práticas de produção alternativas, como a soberania alimentar, a agroecologia, a manutenção e preservação das sementes crioulas, e até a reforma agrária popular.

Como veremos adiante, essa é a realidade observada no Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa – Paraíba. Iniciado junto com a construção, após tomadas e retomadas desse processo até sua conclusão. Nesse momento, trabalhadores rurais sem terra iniciam uma luta e resistência para que haja e seja cumprida a constituição, e a terra exerça sua função social.

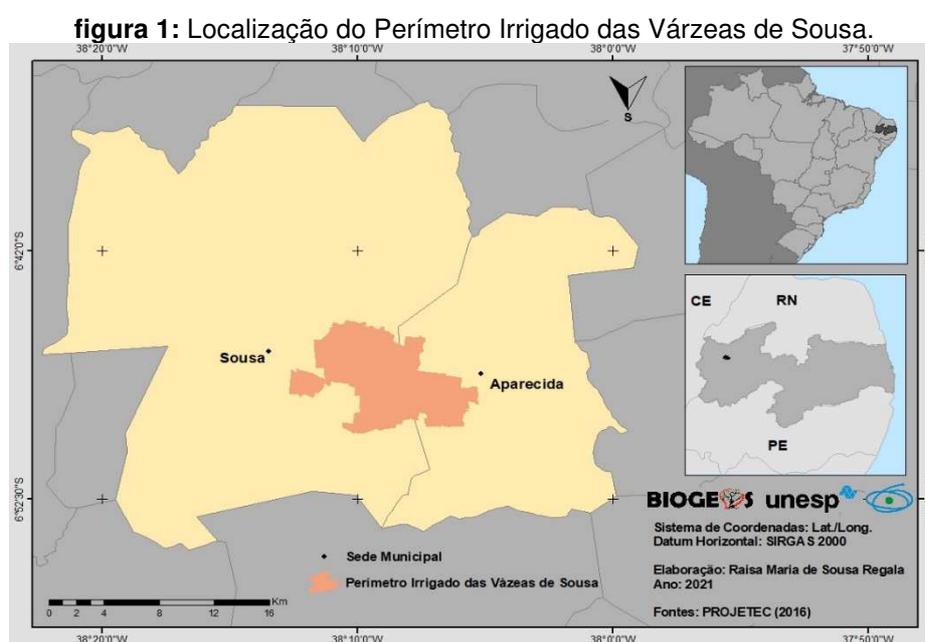
Ainda durante o momento de luta, os trabalhadores rurais acampados nas terras já vêm sofrendo com a nociva política agrícola que incentiva a monocultura, com uso de agrotóxicos e sementes transgênicas. Mesmo diante de todo esse processo os acampados resistem contra essa forma de produção e por uma vida digna onde possam produzir e reproduzir a vida.

Com isso, toma-se como objetivo do presente trabalho analisar a resistência camponesa, a partir da reforma agrária popular e das formas alternativas de produção das camponesas e dos camponeses ligadas(os) a movimentos sociais - frente ao entendimento da nefastidade dos agrotóxicos e das sementes transgênicas, a partir da agroecologia e levantando a bandeira da soberania alimentar – como uma forma de promoção da saúde. Para isso, analisar-se-á a tomada de consciência sobre os venenos utilizados na agricultura e seus males à saúde, bem como as suas formas alternativas de produção, a partir do entendimento da promoção da saúde crítica e popular.

Por fim, o trabalho encontra-se dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira, a metodologia, onde são explicados os procedimentos metodológicos que foram tomados para o trabalho, além de apresentar a localização dos assentamentos no semiárido paraibano. Na segunda, é analisada a tomada de consciência sobre os agrotóxicos e a luta contra essa forma de produção que contamina e pode matar, considerando-se os dados de comercialização de agrotóxico na Paraíba. Por último, são analisadas as formas alternativas de produção e como essas promovem a saúde camponesa.

## Revisitando os procedimentos metodológicos

Parte-se do princípio de que para a compreensão de como se deram as formas alternativas de produção, é necessária uma leitura crítica sobre a modernização da agricultura e os motivos que impuseram o seu fracasso e os danos à saúde. Por sua vez, para o entendimento das práticas e como essas podem promover saúde, foram analisadas entrevistas realizadas durante o mestrado, considerando-se o aprofundamento do entendimento acerca da promoção da saúde. Tais entrevistas foram realizadas nos assentamentos Nova Vida I, Nova vida II e Imaculada, localizados no Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa nos municípios de Sousa e Aparecida, na Paraíba (figura 1).



Fonte: PROJETEC (2016). Elaboração: O autor, 2021.

As entrevistas realizadas se deram a partir de um roteiro semi-estruturado, com tópicos desde o processo de luta pela terra, para compreender os conflitos e tomada de posse; também para saber qual a forma de produção – tradicional, orgânica e agroecológica; saber o entendimento dos assentados e das assentadas em relação ao agrotóxico; buscar saber se eles sofreram algum tipo intoxicação ou se durante a pulverização eles sentiam alguma sintoma diferente; compreender as formas alternativas de produção, a partir da agroecologia e da criação de repelentes naturais; e, por fim, compreender como era a vida destes e destas trabalhadores(as) e após a criação do assentamento, para assim observar se houve mudança e se afetou positiva ou negativamente as suas vidas. Principalmente as duas últimas questões nos ajudaram a compreender como as formas alternativas de produção e a reforma agrária popular

promove saúde nos assentamentos. Vale salientar que outras perguntas e questionamentos surgiam de acordo com a resposta dos entrevistados e das entrevistadas.

Na presente análise, com base na abordagem do discurso (Turra Neto, 2010) , é preciso distinguir o significado das falas no contexto de relações intersubjetivas entre os sujeitos e o pesquisador, com várias formas para que se busque a maior quantidade de informações para o entendimento do processo social (COLOGNESE, MÉLO, 1998), assim compreendendo as lutas e resistências realizadas pelos camponeses contra o uso de agrotóxicos e de sementes transgênicas.

### **A luta contra os agrotóxicos é uma luta por sobrevivência:**

O processo de modernização da agricultura tende cada vez mais intensificar as relações de poder no território (SOUZA, 1995), sendo ele socialmente produzido e transformado ao longo de um processo (MOREIRA, 2007) através dos conflitos de classe, das desigualdades na distribuição de terras, da água e da produção (FERNANDES, 2006).

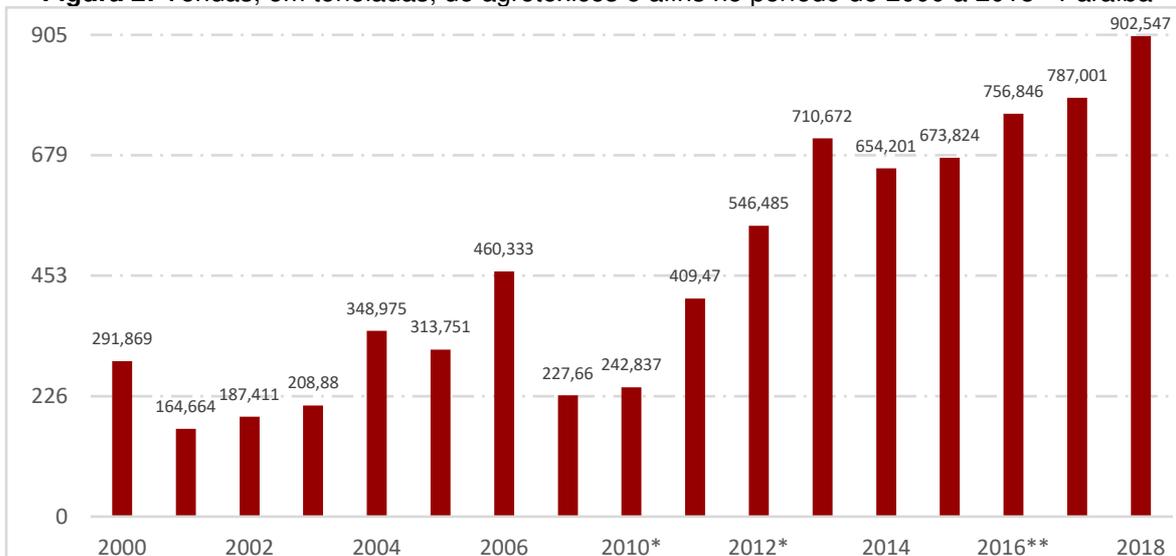
Nessa disputa de relações de poder, levando em conta a produção, temos o conflito entre o cultivo de *commodities* e monocultura *versus* a policultura alimentícia. A primeira faz uso de sementes transgênicas e uso intensivo de veneno do início ao fim. Essas plantas são cultivadas em grandes partes do território, gerando angustias, uma vez que trazem modificações em

fatores econômicos, sociais, ambientais e culturais envolvidos, ou pela ineficiência dos estudos toxicológicos e ambientais apresentados durante o processo de liberação na predição dos possíveis efeitos do plantio e do consumo desses alimentos para a biodiversidade ou para a saúde humana (DIAS; et al, 2018, p. 28).

Também, os venenos utilizados em seu cultivo carregam consigo um aumento no uso de agrotóxicos (figura 2) e, conseqüentemente, de problemas causados por eles.

Ao observarmos esse gráfico, podemos concluir que há um aumento no uso e na venda desse produto no estado. Mesmo havendo anos de secas extremas e severas, parte dos municípios do estado ficaram muitos meses, chegando lugares a terem anos em seca. Mesmo diante desse fenômeno pode-se observar que há um aumento nessas comercializações, tendo como destaque os anos de 2013, 2016, 2017 e 2018, sendo de 2011 à 2017 uma das grandes secas que “gerou um aumento dos pleitos de inclusão de novos municípios no semiárido, uma vez que estes foram fortemente afetados pela seca” (REGALA, 2019, p. 38).

**Figura 2:** Vendas, em toneladas, de agrotóxicos e afins no período de 2000 à 2018 - Paraíba



Observação: Consolidação de dados fornecidos pelas empresas registrantes de produtos técnicos, agrotóxicos e afins, conforme art. 41 do Decreto nº 4.074/2002.

Fonte: IBAMA. Organização: O autor, 2021.

Assim como há um aumento na comercialização, também há nas intoxicações, conforme análise de Bombardi (2011). Segundo esta autora, calcula-se que para cada 1 notificação de intoxicados podem haver mais de 50. Por isso, os agrotóxicos podem ter causado muitos danos à saúde dos brasileiros, como câncer, problemas reprodutores, respiratórios, físicos – micropênis – e até ter levado à morte (BOMBARDI, 2017; ODENT, 2003; OPAS, 1996; GASPARI et al, 2012).

Trazendo uma questão de desigualdade, quem mais se prejudica frente a esse processo são os trabalhadores. É o que se observa na fala do entrevistado 1. Segundo seu relato, quando trabalhava aplicando o agrotóxico teve um problema de saúde, que fez com que tivesse que gastar todas as suas economias, uma vez que viajava de uma cidade para outra para o tratamento no pulmão.

Tinha minha casa de morada, vendi, tinha seis cabeça de gado, tinha três moto nova, tinha um carro 2008 bom, novo também, a gente tinha um dinheirinho na caixa, pouca, eu tirei nove mil da minha aposentadoria, perdi tudo na doença. (Entrevistado 1, acervo pessoal, março 2018)

Além dessas evidências, no ano de 2011, durante a plantação de sorgo dentro de um perímetro irrigado, no momento da pulverização de agrotóxicos, moradores dos assentamentos Nova Vida I e Nova vida II, além dos acampados do Emiliano Zapata, foram intoxicados, alguns

tendo sido levados ao hospital, outros se tratando em casa, mas sofrendo com o cheiro do veneno. Como aponta os entrevistados 2 e 3, nesse momento quem tinha problema de saúde piorava e quem não tinha sofria as consequências do uso do veneno.

A garganta resseca, os olhos ficam ardendo, você não consegue respirar, quem tem uma deficiência pulmonar já de cara já vai pra nebulização, e alergia de pele, chega a pipocar a pele, o caso é sério”. (Entrevistado 2, acervo pessoal 2018)

Dá problema de tontice, quando eles pulverizavam, eles [os filhos e os vizinhos] ficava reclamando, que era alérgico, dava coceira no corpo, dava problema na respiração, dava dor de cabeça, dava tontura”. (entrevistado 3, acervo pessoal 2018)

Esses e outros casos, diante de uma exposição prolongada, podem “acarretar em inflamações, lesões, insuficiências e problemas nos nervos e sistemas respiratórios, baixa nos glóbulos brancos e também problemas diretos nos órgãos, etc.” (REGALA, 2021, p. 89). Por serem substâncias que causam câncer e estarem

ligadas a intoxicação, problemas endócrinos, respiratórios e de mutações; além de repelir e matar animais que são considerados primordiais para o ciclo na natureza, a exemplo das abelhas; e contaminar águas, sejam elas superficiais e subterrâneas, trazendo problemas não só para quem trabalha diretamente com a substância (REGALA, 2021, p. 91)

Além de não serem ouvidos no processo em que adoeciam na pulverização, os camponeses ainda tiveram que lidar com várias outras questões como: as ambulâncias não chegarem nas suas casas e o descaso das forças de segurança. Nesse último, segundo relatos, agentes faziam rondas durante a pulverização e quando os camponeses saíam das suas casas para ambientes mais ventilados, eram reprimidos e questionados sobre qual o motivo de estarem reunidos e naquele lugar.

Em 2011, antes da gente receber o título da terra, a gente teve aqui 17 famílias [...] que foram intoxicadas por conta da aplicação de veneno [...] algumas conseguiram laudos médicos, fizemos luta e juntamos as coisas e levamos para o ministério público, em relação a esse prejuízo, não só da lavoura.” (Conversa no assentamento Nova Vida I, em 2013).

Também pode ser citado a possível contaminação de suas plantações, já que a água, contaminada de agrotóxico, que se acumula em uma margem da estrada escoada para o outro lado (figura 3) até chegar ao Rio do Peixe, passando pelos lotes do assentamento.

**Figura 3:** Escoamento da água de um lado para o outro da rodovia



1 – água que escoou após a irrigação e algumas chuvas, da empresa para a margem; 2- cano que leva água, possivelmente contaminada, para o assentamento  
Fonte: acervo de campo 2018.

Ainda em se tratando dos problemas sofridos pelos assentados, no ano de 2013, em um dos movimentos de resistência, no dia das mulheres, as assentadas lideraram a comemoração a partir da luta por soberania alimentar – unido com o da via campesina em todo o mundo. No momento em que é fechada a rodovia e as assentadas e os assentados ocupam a terra que vem contaminando a saúde dos trabalhadores e o ambiente, são reprimidos e uma das lideranças tem

voz de prisão, sendo encarcerada, reforçando o processo de judicialização dos movimentos sociais em curso no país (RODRIGUES e MITIDIERO JUNIOR, 2014).

Aqui, compreende-se o processo da saúde a partir da saúde-doença, pois eles observaram “modernização” da doença, desde as modificações que a sociedade foi sofrendo com a modernização da agricultura (LAURELL, 1983).

### **As práticas das(os) camponesas(es) frente à modernização da agricultura e a promoção da saúde**

Os detentores das grandes produções agrícolas põem, como já dito, os camponeses e as camponesas dentro de um patamar de atraso, pois esses não produzem em larga escala, não vislumbram o lucro, além de julgarem que não possuem o futuro. Mas o que é o futuro, e qual cada um deles pretende e quer?

Os “grandes produtores” trabalham em cima do lucro, mas não observam todos os males descrito no tópico anterior. Já os camponeses têm uma visão de futuro não só seu, mas pensando no próximo, sendo esse inerente ao ser e ao campesinato. Suas práticas são as mais diversas, desde pensar na soberania alimentar, na agroecologia, na manutenção e preservação das sementes crioulas e nas mandalas como forma de produção integralizadora e de baixo custo.

É a partir daí que se compreende a saúde não como mera ausência de doença, mas como uma luta da/de vida e da resistência camponesa. O modo de vida camponês, com sua forma de produção e reprodução, da apropriação da natureza diferenciada, e na particularidade de sobrevivência e de vida camponesa, diante da sociedade capitalista (FABRINI, 2006), em si é uma forma de promoção da saúde popular.

Além disso, a própria reforma agrária uma vez sendo realizada e implementada já é uma forma de promoção da saúde. Afinal, dessa forma o movimento busca uma política que melhore as condições de vida pessoal ou coletiva, desenvolvendo o social, o físico e o mental, com “paz, educação, habitação, alimentação, renda”, além de “justiça social e equidade” (BRASIL, 2002, p. 20).

Morar aqui é uma liberdade, além da política que nós estamos vivendo, ser negro e mulher, nesse momento de violência e de tiradas de direitos que esse governo golpista vem fazendo com a gente, tem que ser mais que forte pra continuar na luta. É querer liberdade, é querer revolução mesmo sabendo que vem, né, é ser consciente, é por isso que a gente vai bem longe de dizer: Eu vou dormir aqui e não ter medo do que vai acontecer, porque nós sabemos que algo de errado, de mal que possa nos acontecer, não é a gente dormir fora de 4 paredes de uma casa de taipa, de

alvenaria, de um compensado ou de uma lona, mas sim do próprio governo golpista, a própria justiça aí perseguindo os direitos sociais, então a liberdade que nós temos é essa, uma maneira de expressar liberdade, nem que seja num pouco espaço assim, a 10 minutos da cidade. (Entrevistado 3, acervo pessoal 2018)

Assim, as formas alternativas de produção, as práticas e os saberes promovidos pelas camponesas e pelos camponeses são uma forma particular de promoção da saúde crítica, popular e contra-hegemônica (SIMON, MARTINS e REGALA, 2018), sendo a cultura de que plantas são remédios, produzindo, assim, plantas medicinais, lambedores, além da busca pela saúde através de crenças, com a presença da figura do rezador - na busca de "tirar os quebrantes", mau olhado, espinhela caída que, no entendimento popular, são problemas que podem trazer algumas doenças.

Outra forma de promover saúde é através da soberania alimentar, uma contra-hegemonia ao modo de produção que valoriza a monocultura, o latifúndio e os *commodities*, e uma luta para a produção de alimentos de qualidade. Diferente da segurança alimentar, que tem em sua lógica a garantia de alimentação independente da forma que é produzida, a soberania alimentar traz a coerência de uma produção limpa, pensando na saúde do trabalhador e no ambiente, sem uso de agrotóxicos, respeitando as tradições e preservando e conservando as culturas, sementes crioulas e a geografia vivida e produzida pelas comunidades (Via campesina, s.d.)

a) los Estados y los pueblos deben ser soberanos; b) los alimentos deben ser producidos de forma sostenible y ecológica; c) las economías y mercados locales deben priorizarse; d) los campesinos y los agricultores familiares deben tener el papel protagónico; e) las particularidades culturales deben respetarse; f) se requieren nuevas relaciones sociales, libres de opresión y desigualdades entre hombres y mujeres, pueblos, grupos raciales, clases sociales y generaciones. (EGUREN, 2013, p.4)

Assim, a soberania alimentar rompe com a forma de produção que temos do capital no campo (FERNANDES, 2012), e prega a reforma agrária a partir da unicidade das lutas e resistências territoriais dos camponeses. (ORIGUELA, 2019, p. 53), além de resistir a partir de uma produção agroecológica, com a produção de fertilizantes naturais, com defensivos naturais a base de folhas, frutos e plantas – Nym, mamona, alho e a pimenta -, urina de vaca, esterco, detergente, álcool, fumo de rolo e água. Assim podendo ser aplicadas logo no início da produção sem prejuízo a ela e ao ambiente, já que elas são naturais e não matam os animais, apenas os espantando daquela plantação. Para cada praga tem-se uma fórmula específica.

Eu produzo algodão, com isso aqui, aonde eu boto essa formula aqui eu produzo algodão e tem gente que bota veneno e a lagarta come o algodão todinho e não come o meu... Eu faço ele, eu tiro as folhas dele [apontando para o NYM) tudinho, passo no liquidificador, um quilo de folha, um quilo de folha da pra oito litro d'água, [...] aí eu boto 200 grama de fumo, num tambor de 200 litros eu coloco oito cabeça de alho, aí coloco, quatro detergente neutro e coloco cinco quilo de esterco de vaca fresco, coloco dentro, aí deixa aí, deixa curtir por oito dias, aí a pessoa coa e pronto, já começa a usar, aí se eu fizer ele com essa mistura, em vez de eu usar um litro em 20 litro d'água, eu vou usar somente 250 ml, da pra quatro pulverizador d'água de 20 litros. (Entrevistado 4, acervo pessoal 2018)

A agroecologia é teoria, a prática e a ação política; os saberes, o entendimento sobre a natureza, as culturas e geografias vividas, ou seja, a tecnologia e as técnicas, a partir de uma agricultura alternativa (LEFF, 2002), isso tudo através de uma equidade na produção, com variedades e sendo o mais próximo ao natural. Ou seja, essa forma de produzir é uma forma de viver inerente ao ser camponês. Pensando no respeito e na convivência com a natureza, tentando aproveitamento, os camponeses e as camponesas fazem uso da fertilização com a sobra de frutas, legumes e verduras, não sendo necessária a compra de fertilizantes químicos. Obtendo uma forma de ser sustentável<sup>3</sup>.

Adubo minha terra com estrume. Estrume natural mesmo dos animais. Aqui as coisas que a pessoa junta aqui, que vira adubo, pronto, eu tenho um monte ali, num sei se você viu, e tenho outra lá, mais ou menos dentro desse mato aqui, lá é tudo que pertence à adubação, aí lá tem, a mulher pega joga lá em cima e vai. (entrevistado 4, acervo pessoal 2018)

Assim vemos que promover saúde não é fácil nem básico. Pelo contrário, percebe-se que deve haver um ciclo e uma interrelação. Além da melhoria da qualidade de vida, deve-se observar as condições físicas, psicológicas e sociais (CZERESNIA, 2009), situação essa que os movimento sociais do campo no Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa, vêm na busca e na prática, como pôde ser observado. Com isso, a partir da soberania alimentar, da reforma agrária popular e mesmo diante dos desgovernos, eles vêm na prática do empoderamento e da promoção da saúde, através de vida digna e decente, relacionada com a luta por educação, lazer, descanso e sempre pensando de forma coletiva e social.

---

<sup>3</sup> Compreendendo a palavra no entendimento primeiro, antes do processo de apropriação que a mesma sofreu pelo capital.

## Considerações finais

Todos os avanços tecnológicos ocorridos no Brasil e no mundo poderiam ter sido de grande valia para o crescimento da agricultura, contudo, na prática, a partir da ganância em busca do lucro, a modernização tornou-se nefasta e trouxe consigo o adoecimento da população. Todavia, é a partir dos trabalhadores rurais, organizados em movimentos sociais de luta por reforma agrária, que vemos que é possível um outro mundo, sem a necessidade de uma política adversa.

No PIVAS a resistência camponesa se baseia na luta pela reforma agrária popular, além da busca por melhorias nas condições de infraestrutura dos lotes, por acesso à água, contra o uso de agrotóxicos e sementes transgênicas, e se guiam contra a hegemonia do capital no campo que traz a padronização dos alimentos, o fortalecimento dos latifúndios e a violência, e, embora tenha alcançado alguns êxitos, ainda está longe de serem vencidas.

Assim, os movimentos sociais, a partir de suas bandeiras de luta, da sua resistência, e os camponeses e as camponesas, com a sua forma de vida, de produção e reprodução, estão promovendo saúde, com suas formas alternativas – como a agroecologia e os repelentes naturais – e suas práticas são coletivas, integradoras, pensadas para o social e na sociedade.

A promoção da saúde popular é uma forma de política saudável, não sendo garantido pelos governos neoliberal facista, que retiram os direitos dos camponeses para assegurar o dos empresários do agronegócio a partir de políticas que trazem adoecimento, com o incentivo ao uso de agrotóxicos e de sementes transgênicas: a modernização da agricultura. Por fim, a promoção da saúde popular é integrada à saúde coletiva. Aquela é como uma estratégia de cuidado com a vida, a partir da equidade, baseada em boas condições de trabalho, cultura e alimentação, sendo essas importantes também para a soberania alimentar. Por isso, pode-se dizer que a luta por soberania alimentar é promoção da saúde.

## Referências

BOMBARDI, Larissa Mies. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. *Boletim Data Luta*, v. 45, p. 1-21, 2011

\_\_\_\_\_. *Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia*. São Paulo: FFLCH - USP, 2017. 296 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. *As cartas de Promoção à Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: < [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracoesecarta\\_portugues.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracoesecarta_portugues.pdf) >

BUSS, Paulo Marchiori. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. CZERESNIA, D.;

FREITAS, C. M. (Org.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 200, p. 19-42.

CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção.

CZERESNIA, Dina; FREITAS, C. M. (Org.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p. 39-54.

DIAS, Alexandre Pessoa et al. Agrotóxicos e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.

EGUREN, Fernando. ¿Seguridad o soberania alimentaria?. La Revista Agrária, v. 14, n. 152, jun. 2013.

FABRINI, João Edmilson. A escala da luta e resistência camponesa. Geosul (UFSC), Florianópolis/SC, v. 21, n.42, p. 63-92, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. A pesquisa em Educação do Campo, v. XX, p. X-I, 2006

LAURELL, Asa Cristina. A saúde-doença como processo social. In: NUNES, E. D. (org.) Medicina social: aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global, 1983. p. 133- 158.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Notas sobre o processo de modernização recente da agricultura brasileira. Boletim de Geografia do Departamento de Geociências da UFPB: João Pessoa, v. 1, n.7, p. 45-55, 1988. <https://doi.org/10.1080/10304318809359336>

\_\_\_\_\_. O espaço enquanto produto do trabalho. João Pessoa, Texto didático, 2007.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes; TRAGINO, Ivan. Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba, João Pessoa: Editora Universitária, 1997. 332 p.

RODRIGUES, Luanna Louyse Martins; & MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. (2014). Disputas territoriais e judicialização da questão agrária / Disputas territoriales y judicialización de la cuestión agrária. Revista Campo-Território, 9(18).

GRAZIANO DA SILVA, José de Alencar. A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982

GASPARI, Laura; et al. High prevalence of micropenis in 2710 male newborns from na intensive-use pesticide area of Northeastern Brazil. Int J Androl. Jun 2012; 35 (3): 253-64. doi: 10.1111 / j.1365-2605.2011.01241.x. Epub 2012 28 de fevereiro.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Relatórios de comercialização de agrotóxicos. 2019. Disponível em: <<http://ibama.gov.br/agrotoxicos/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos>>. Acesso em: mai 2021.

ODENT, Michel., O camponês e a parteira: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto / Michel Odent; tradução de Sarah Bauley. São Paulo: Ground, 2003.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. Manual de Vigilância da Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância Sanitária. Brasília: Opas/OMS, 1996.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. Território e territorialidades em disputa: subordinação, autonomia e emancipação do campesinato em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul / Camila Ferracini Origuéla. -- Presidente Prudente, 2019 293 f.

REGALA, Raisal Maria de Sousa. A legalização nefasta dos venenos no Brasil: agrotóxicos, sementes transgênicas e riscos à saúde. Revista NERA, v. 24, n. 60, p. 73-96, set.-dez., 2021.

\_\_\_\_\_. Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa: conflitos territoriais e resistência camponesa contra o uso de agrotóxico. Orientador: Emília de Rodat Fernandes Moreira e Martha Priscila Bezerra Pereira. 2019. 142p. Dissertação (Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

\_\_\_\_\_. Conquistar a terra não é suficiente: o uso de agrotóxicos pela empresa Santana e a luta dos assentados do Nova Vida I pela vida na terra / Raisal Maria de Sousa Regala. - João Pessoa, 2014

SIMON, Carolina Russo; MARTINS, Lucas Araújo.; REGALA, Raísa Maria de Sousa. "Sementes Da Paixão" como prática espacializada de Promoção da Saúde. In: XIX Encontro Nacional de Geógrafos XIX ENG, 2018. João Pessoa, PB. Anais (on-line). ISBN: 97-85-99907-08-5. Disponível em <<http://www.eng2018.agb.org.br/site/anaiscomplementares2?AREA=17#C>>.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento (pág. 77 - 116) IN CASTRO, E. et al (ORGS). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. XVII Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), 22-28 de julho de 2010, Belo Horizonte. Anais...: Belo Horizonte, p. 01-12, 2010